

Análise de explorações ao piano com crianças de 2 a 4 anos a partir de conceitos de Vygotsky

Ricardo Dourado Freire

Universidade de Brasília

E-mail: freireri@unb.br

Web: www.musicaparacrianças.unb.br

Sandra Ferraz Freire

Universidade de Brasília

E-mail: freiresa@yahoo.com.br

Sumário:

O procedimento para a realização deste trabalho foi a análise da performance de crianças de 2 a 4 anos realizadas durante as aulas de musicalização, nas quais a atividade final era a interação musical ao piano com o professor. A atividade foi realizada com 107 crianças de 18 meses a 5 anos de idade e gravada em vídeo. Para este artigo foram selecionados três exemplos, analisados qualitativamente segundo o método microgenético. A abordagem foi fundamentada no conceito de zona de desenvolvimento proximal de Lev Vygotsky, para avaliar tanto a prática pedagógica como a compreensão teórica do processo de transição da atividade cognitiva intersubjetiva para uma atividade cognitiva intrasubjetiva. Utilizou-se da metodologia microgenética de observação e análise. A interação musical entre professor e crianças ao piano mostrou-se um procedimento de observação da transformação da performance musical da criança, na qual foram incorporados elementos musicais do professor e descobertas individuais de cada criança.

Palavras-Chave: Musicalização Infantil, Explorações ao Piano, Interação Musical, Zona de Desenvolvimento Proximal, Vigotski

Nossa reflexão parte de uma experiência de musicalização com crianças de 1 a 5 anos de idade que participam do programa de extensão *Música para Crianças* da Universidade de Brasília. Durante as aulas, as crianças ficam dispostas em círculos junto à mãe ou pai e tomam parte de atividades conduzidas pelo professor. A interação se dá principalmente de forma cantada ou por intermédio de artefatos ou ferramentas de mediação: os instrumentos musicais e brinquedos. Sentar-se ao piano é uma das inúmeras experiências musicais das aulas. Todos instrumentos musicais são explorados de maneira lúdica numa dimensão interativa e contextualizados numa mensagem musical.

Com o objetivo de estudar o desenvolvimento musical das crianças nos remetemos a Psicologia Sócio-Cultural de Lev S. Vygotsky (1898-1936), em específico à noção de zona de desenvolvimento proximal (ZPD), que abrange o espaço da interseção entre aprendizagem e desenvolvimento. A idéia de Vygotsky é que a aprendizagem antecede o desenvolvimento (Tappan, 1998). Contrário às abordagens que insistem em classificar o desenvolvimento por estágios ou fases estanques, ele defende que só se pode compreender o estágio de desenvolvimento de uma criança levando-se em conta o seu desenvolvimento real e o seu desenvolvimento em potencial. Em vez de ver o desenvolvimento como produto, Vygotsky o concebe como processo na medida em que busca conhecer os processos cognitivos já amadurecidos e os que ainda estão em processo de amadurecimento.

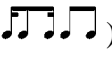

A noção de aprendizagem parte dessa concepção que combina a visão retrospectiva e prospectiva do desenvolvimento. Para Vygotsky, uma experiência de aprendizagem significativa desencadeia (*scaffolding*) o desenvolvimento de uma criança. A sua perspectiva genética pressupõe que o desenvolvimento dos processos cognitivos se origina devido a experiências sócio-interativas e não devido a fatores inatos.

Por ser resultado de uma experiência, a aprendizagem implica necessariamente em uma situação mediada pela ação de outras pessoas, daí a origem do conceito de desenvolvimento cultural. Por isso, para o estudo do desenvolvimento, é fundamental considerar o contexto histórico e cultural sobre o qual o novo se constitui, focalizando a dinâmica da relação que existe entre os sujeitos e o meio (Freire, 2000). Na verdade, o conceito de desenvolvimento cultural só pode se constituir sobre o que a estrutura que o antecede ou dá apoio.

Para promover o desenvolvimento, é necessário ter em mente que cada sujeito desenvolve seu potencial de acordo com a sua competência e de acordo com o ambiente no qual está inserido. Competência, de acordo com Tommela (2000), refere-se às condições *intrasubjetivas* (estruturas cognitivas, afetivas, sociais e psicomotoras) sobre as quais emerge o processo de desenvolvimento. Ambiente refere-se ao contexto sócio-cultural, historicamente constituído por uma coletividade em função da mediação de sistemas e artefatos criados no processo de interação. É o ambiente que oferece as condições *intersubjetivas* para que ocorra o processo de desenvolvimento.

No Brasil, há alguns trabalhos realizados que valorizam experiências musicais interativas de crianças nos primeiros anos de vida. Matias e Freire (2004) realizaram um estudo das manifestações rítmicas de crianças brasileiras entre 2 e 5 anos, no qual observaram que um percentual significativo de crianças executavam, ao pandeiro, improvisações rítmicas. Parizzi (2005) realizou pesquisas nas quais observou que as improvisações vocais de crianças foram bastante amplas, abrangendo desde “as garatujas vocais ou instrumentais criadas espontaneamente durante a primeira infância até músicas criadas conscientemente por crianças maiores” (p.380).

O procedimento para a realização deste trabalho foi a análise da performance de crianças de 2 a 4 anos realizadas durante as aulas de musicalização, nas quais a atividade final era a interação musical ao piano com o professor. A atividade foi realizada com 107 crianças de 18 meses à 5 anos de idade e gravada em vídeo. Para este artigo foram selecionados três exemplos, analisados segundo o método microgenético.


O exercício ao piano consistiu em uma improvisação livre da criança na região aguda do piano, com o acompanhamento do professor na região média grave, quem executava uma progressão harmônica no modo Sol mixolídio utilizando a alternância entre os acordes de SolM (I) e FáM (bVII). A progressão estava dividida em três partes A- B- A' de 8 compassos cada, sendo que cada parte tinha uma característica própria. Na parte A, a síncopa () estava realçada na alternância entre mão direita e mão esquerda. Na parte B, o ostinato () terminava em uma semicadência utilizando o acorde de RéM (V7). O retorno para a parte A' apresentava os mesmos acordes iniciais, desta vez arpejados. Na cadência final, fermatas preparavam o clímax realçando os acordes de FáM (bVII), fá# dim (VII dim) e uma respiração, antes do último acorde, indicava o término da aventura musical.

A abordagem microgenética surgiu como opção metodológica de análise na medida em que direciona seu olhar para as mudanças ocorridas num processo de interação, permitindo observar as transições qualitativas, i.e., a emergência de novos processos mentais que ocorrem num determinado contexto sócio-cultural e num determinado período de tempo. Assim, este estudo auxilia a aperfeiçoar a

nossa proposta pedagógica, a qual se preocupa com a promoção de contextos sócio-interativos favoráveis à aprendizagem musical dentro da zona de desenvolvimento proximal.

Seguindo o método microgenético, nossa observação considerou: (a) a caracterização das condições intersubjetivas: a ambientação musical no que se refere ao acompanhamento musical, (b) a centralidade do piano como ferramenta de mediação cultural: a disposição da relação com o piano e o tipo de ação e interação que o instrumento permite aos sujeitos; (c) as características desenvolvimentais propriamente ditas: momentos de atividade intrasubjetiva expressas na emergência de ações qualitativamente novas.

A mãe coloca Miguel, 1 ano e 11 meses, no banco do piano e ele começa imediatamente a tocar com as duas mãos. Os olhos miram o teclado e observam o movimento dos seus dedos. Movimenta as mãos com os dedos juntos para tocar ao piano, mas separa os dedinhos para tocar as teclas pretas. Durante a parte A, ele explora o teclado aleatoriamente, como a maioria das crianças desta faixa etária. No acorde final da parte B, Miguel olha para as mãos do professor, faz um movimento musical e segue na parte A' tocando muito *piano* com um pulso regular. Nas fermatas finais ele faz movimentos alternados rapidamente e pára subitamente para aplaudir a si mesmo.

Luisa, 3 anos e 8 meses, senta-se ao piano e olha logo para as mãos do professor, articula os dedinhos de ambas as mãos timidamente sobre o teclado e coloca as mãos mais perto uma da outra. Articula os dedos, mas a única nota audível é a tônica (SOL) na mão direita. Encosta os indicadores nas teclas pretas quando é tocado o acorde acentuado de Fá M, na parte B. Começa a tocar com as palmas das mãos explorando o teclado na parte A'. De repente ela “descobre” a tônica (SOL) e passa a tocá-la insistentemente com o dedo médio direito. Neste momento, ela estabelece um motivo rítmico (aproximadamente ) e passa a tocá-lo seguindo uma linha melódica descendente nas teclas brancas. Nas fermatas finais, volta a tocar com as palmas das mãos nos pulsos, movimentando o corpo todo. Observa, toca o acorde VII *dim* junto ao professor, modifica o movimento dos braços, toca no tempo fraco, espera a respiração. Toca o acorde final com ambas as mãos, toca mais um acorde no tempo fraco e, quando as pessoas começam a aplaudir, ela lembra-se de sua timidez e desce rapidamente da cadeira.

O professor olha Marcos, 4 anos e 4 meses, enquanto ele senta-se ao piano e começa a tocar. Marcos observa a mão do professor, coloca as mãos no piano e começa a explorar o teclado. Toca com as palmas das mãos alternadas, primeiro nas notas brancas e depois nas notas pretas, e tenta manter o macropulso. Algumas vezes olha para cima e outras para o teclado. Durante a parte B, Marcos diferencia o resultado sonoro do uso do dedo médio e passa a explorar a sonoridade de notas específicas. O professor faz uma fermata longa no final da semicadência, e neste momento, Marcos passa identificar a sonoridade de cada nota que ele está tocando. Olha atentamente para o teclado e passa a manter um pulso constante, alternando as mãos. Começa a usar os dedinhos ainda alternando entre mão direita e esquerda. Executa um movimento melódico ascendente, pára na nota mais aguda do piano, retira a mão esquerda lentamente. Repete a nota aguda com a mão direita (clímax) e passa a executar um movimento descendente usando os micropulsos e repetindo algumas notas. Termina o movimento descendente quando o professor toca a primeira fermata (bVII). No segundo acorde (VII *dim*), ele volta a tocar a nota aguda e a executar um novo movimento descendente, desta vez, usando as teclas pretas. Quando o professor respira, ele olha para o professor, coloca as duas mãos no piano e mantém um pulso tocando com os indicadores. A mão esquerda toca o Sol, Lá e Si. Para finalizar, ele toca dois *clusters* finais com as palmas das mãos simultâneas.

Como identificar e trabalhar o desenvolvimento musical das crianças dentro da zona de desenvolvimento proximal? A atividade ao piano como parte da aula de música, serviu para oferecer a oportunidade da criança interagir com o acompanhamento musical. Ao observarmos as gravações em

vídeos, conseguimos identificar determinados momentos nos quais as crianças conseguem estabelecer mudanças nas atividades mentais de compreensão e produção do material musical.

Uma das formas nas quais essas mudanças são consideradas é em função à mudança de uma execução aleatória para uma execução proposital. Mas, como determinar intencionalidade, onde estabelecer esta fronteira? Identificamos a intenção musical por meio de descobertas e transformações no processo de performance musical. O acompanhamento do professor ao piano funciona como ambiente que oferece as condições *intersubjetivas* para que ocorra o processo de desenvolvimento.

Foi possível identificar os elementos musicais a partir da mudança da ação da criança na utilização do piano em função do tipo de interação com o professor. As crianças estabelecem uma relação de sincronização do pulso externo do professor com o ritmo interno da criança, se ajustando ao contexto musical e elaborando respostas musicais a partir dos aspectos estruturais rítmicos internalizados. A forma de usar as mãos mostrou a modificação de movimento aleatório primeiro para movimento conjunto das mãos, movimento alternado e, posteriormente, concentração no resultado sonoro de uma das mãos. Os dedos também oferecem elementos específicos de análise a partir do uso das palmas das mãos, passando à articulação dos dedos e então o uso exclusivo do indicador de uma das mãos.

Outra mudança ocorre no momento em que a criança transforma a execução aleatória em execução proposital que pode ser verificada pela repetição de notas ou gestos musicais. A diferenciação entre grupos sonoros e sons específicos indica a compreensão do processo de ação muscular e resposta musical permitindo que a percepção auditiva passe a guiar o processo interativo. Em um nível de maior elaboração observa-se a criação de motivos musicais coerentes e recorrentes associados a movimentos específicos, tanto ascendentes quanto descendentes, mantendo a referência do contexto musical.

A interação musical com crianças de 2 a 5 anos é um elemento essencial no desenvolvimento musical das crianças. Os contextos musicais aos quais a criança está exposta deverão permitir a exploração de diversos elementos musicais a partir dos quais serão realizadas as descobertas individuais. O contexto musical de cada interação deverá ser rico e expressivo, enfatizando em contrastes na forma (tema A e B), dinâmicas (forte e piano), textura (arpejos e acordes), articulação (legato e staccato) e áreas do teclado (teclas brancas e pretas).

Foi possível verificar que a aprendizagem pode ser abordada como um processo de descoberta que abrange o espaço da interseção entre aprendizagem e desenvolvimento, a partir do conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky. No contexto musical, a experiência de performance com o professor torna-se uma forma de interação extremamente rica e facilitadora do processo de desenvolvimento, propiciando o amadurecimento dos processos cognitivos que passam de um processo de exploração livre do objeto piano para uma consciência da interação com o instrumento piano.

Referências Bibliográficas

- Freire, Sandra F. C. D. (2000). *Dialogue in the classroom: the intersection between Paulo Freire and Lev Semenovich Vygotsky*. East Lansing: Michigan State University, (Tese de Mestrado).
- Matias, Raíssa e Ricardo Freire. (2004). Mapeamento Rítmico das Crianças Brasileiras. In: *Anais do XIII Encontro Anual da ABEM*. XIII Encontro Anual da ABEM, Rio de Janeiro, ABEM/CBM, 2004. v. único. p.870-876.
- Parizzi, Betânia. (2005). Música espontânea da criança como manifestação do seu estágio cognitivo. In: *Anais do I Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais*. I Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais, Curitiba: Editora da UFPR, p. 379-385.
- Tappan, Mark B. (1998). Moral education in the zone of proximal development. IN: *Journal of Moral Education*. Abingdon: Jun 1998. Vol. 27, Iss. 2; pp.141-161.
- Tommela, Aaro. (2000). Stages of mental development: where to look? In: *TRAMES* 4 (54/49), 1. pp. 21-52.